

MEMORIAL RONDON EM MIMOSO E O CONTEXTO ESPACIAL

Suíze Monteiro Leon Bordest



MEMORIAL RONDON EM MIMOSO E O CONTEXTO ESPACIAL

MEMORIAL IN RONDON MIMOSO AND SPATIAL CONTEXT

Suíse Monteiro Leon Bordest

Geógrafa, Doutora em Geociências. Membro efetivo do IHGMT.

E-mail; bordest@uol.com.br

RESUMO: O presente texto aborda trajetória histórica de Mimoso, desde a sesmaria até a contemporaneidade, tendo por base analítica a construção inicial e final do Memorial Rondon, situado no Distrito de Mimoso, seus impactos ambientais e concepção do mesmo na ótica da população local mimoseana. Outro ícone comunitário trata-se da Escola Santa Claudina, mandada edificar por Rondon e principal referência no interior da comunidade. Seria o Memorial um lugar ou um não lugar? Tais reflexões tiveram por base, principalmente, os conceitos de Michel de Certeau e de Augé.

Palavras-chave: Mimoso. Memorial Rondon. Escola Santa Claudina.

ABSTRACT: This paper discusses historical trajectory of Mimoso, since the land grant to the contemporaneity, based analísica the initial construction and final Rondon Memorial, situated in Mimoso District, environmental impact and design of it from the viewpoint of the local mimoseana population. Another Community icon it is the School Santa Claudina, which was built by Rondon and main reference within the community. It would be the Memorial a place or no place ? Such reflections were based mainly the concepts of Michel de Certeau and Marc Augé.

Keywords: Mimoso. Rondon Memorial. School Santa Claudina.

A reflexão aqui proposta tem como foco *contextualizar* o Memorial Rondon em Mimoso na sua dinâmica espacial ressaltando a figura mítica de Marechal Rondon. O texto se apoia no relato de moradores concedido a esta autora no ano 2000, do qual extraímos alguns trechos.

O Memorial Rondon constitui-se no marco geográfico recentemente inaugurado e tem por finalidade abrigar os pertences do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, orgulho da população de Mimoso, terra onde nasceu.

A Escola Santa Claudina, posicionada em frente ao Memorial inacabado, é o prédio por ele mandado edificar em 1940, no mesmo local do rancho de seus pais, e que recebe atualmente a maioria dos viajantes que passam por Mimoso. O nome da escola é uma homenagem a sua mãe, Claudina Lucas Evangelista, cujos restos mortais estão em um jazigo, na entrada da escola, também construído como obra de Rondon.

Na época da inauguração da escola, uma árvore alta e imponente foi plantada por ele no fundo da mesma, onde permanece frondosa e ativa.

Preocupados com os possíveis impactos que o referido Memorial, possa causar Pantanal Mato-Grossense, queremos, neste texto, refletir sobre as expectativas e significados desse empreendimento e de outro lado, registrar a inquietação dos mimoreanos, dos visitantes e mato-grossenses em geral, quanto à demora e viabilidade na construção desse monumento, que se arrasta por dezoito anos, com paradas e retomadas da obra.

SITUANDO O MEMORIAL

Seria o memorial um não lugar?

Para Certeau (1994), os relatos produzem efeitos que incessantemente transformam os lugares em espaços e os espaços em lugares.

Um lugar pode ser definido como identitário, relacional e histórico. Um espaço que não se pode definir como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá o que Marc Augé (2004) chama de não lugar. Os “não lugares” seriam espaços que não são lugares antropológicos. Mas, segundo o autor, nem um nem outro existem sob uma forma pura, o lugar não é totalmente apagado e o “não lugar” nunca se realiza totalmente.

Nesse sentido, compreender este memorial como repertório de significado da origem, do lugar próprio, reafirma o lugar que ainda

mantêm um pouco da história, da identidade e da relação social. Mas, o Memorial Rondon também pode ser visto como um *não lugar*, se partilharmos do o olhar de Augé (2012) que trás uma intrigante reflexão sobre o papel daqueles lugares nos quais permanecemos em trânsito, em espera ou apenas de passagem.

Em *não lugares* Augé (2004) analisa a relação do homem com o espaço, a questão da identidade e da coletividade. Ele designa *não lugar* todos os dispositivos e métodos que visam à circulação de pessoas, em oposição à noção sociológica de *lugar*; Isto é, a ideia de uma cultura localizada no tempo e no espaço. Segundo Augé, os espaços em que vivemos carecem de uma reavaliação, pois “vivemos num mundo que ainda não aprendemos a olhar”.

Outro questionamento refere-se ao fato que o Memorial Rondon tanto poderia ser construído em Mimoso como em outras paragens.

Situando o Memorial Rondon no seu contexto espacial, lembramos que Mimoso posicionado no Pantanal Mato-Grossense integra a zona pantaneira de Barão de Melgaço e faz parte da bacia hidrográfica do rio Cuiabá. Retomando Bordest (2002, p.14): Mimoso é um distrito de Santo Antônio de Leverger, no Estado de Mato Grosso. Servem de referência a sua localização as coordenadas geográficas 16°15' de latitude Sul e 55°45' de longitude Oeste. Partindo de Cuiabá, pode-se chegar a Mimoso através de duas rodovias: pela MT 070 Bernardo de Oliveira, a partir de Santo Antônio de Leverger: e pela MT 316, com entroncamento na BR 364 na Serra de São Vicente, e ainda pelo rio Cuiabá. Inserido em área pantaneira, submete-se aos alagamentos cíclicos, em consequência do movimento das águas dos rios, particularmente do rio Cuiabá, que extravasam em época de cheias.

O povoado teve origem em uma sesmaria de treze mil hectares, a de Morro Redondo, que foi doada ao casal Joaquina Gomes e Lucas Evangelista, no início do século XIX. Os descendentes desse casal continuaram vivendo em Mimoso, onde praticavam a criação de grandes rebanhos bovinos e equinos e uma agricultura de subsistência.

Com o passar do tempo, o aumento da população, entrada de zoonoses que contaminaram o rebanho e a diminuição de áreas disponíveis para pastagens, principalmente em função de um alagamento definitivo que roubou praticamente 50% das terras da sesmaria, e com a mudança da configuração político-econômica do estado de Mato Grosso, a partir da década de 1960, houve um empobrecimento progressivo da população mimosoana.

Conforme Silva (2000) atualmente há em Mimoso, muitas famílias com apenas uma ou duas reses e o criador de gado afirma não ter mais que duzentas cabeças. Praticam uma agricultura de subsistência e são bastante independentes da economia de mercado e do trabalho assalariado.

Embora, alguns jovens trabalhem em fazendas da região, os mimoseanos conservam certa independência econômica e se mantêm unidos, principalmente em torno da memória do Marechal Rondon. Atualmente, entre outros problemas, queixam-se da falta de emprego e acreditam ser o Memorial uma possibilidade de reverter à situação.

FOTO 1 - Moradia na Vila de Mimoso



Foto Bordest, 1999.

DIALOGANDO COM A POPULAÇÃO AUTÓCTONE

“Quando você chega a um campo de céu aberto, aí é minha terra”.

Assim, Rondon, no início do século XIX, definia Mimoso, comunidade no meio rural, incrustada no Pantanal Mato-Grossense. Ainda hoje, essa afeição por sua terra natal continua viva na memória dos mimoseanos.

FOTO 2 - Largo de Mimoso



Foto Bordest, 1999.

Das visitas e pesquisas desenvolvidas em Mimoso, ouvindo os moradores, buscando captar seus olhares sobre as diversidades de seu ambiente e tentando resgatar suas crenças e valores, passamos neste texto que ressalta a figura de Rondon, ao relato de trechos de entrevistas concedidas a esta autora no ano 2000, publicados em Bordest, 2002, quando ainda se questionava a construção de um memorial no largo de Mimoso.

Selecionamos alguns registros a partir das falas dos moradores de Mimoso, a exemplo de D. Tonica, Joelson, D. Nercina, Carlos Reiners e Caetano, que descrevem a experiência vivida em seu lugar de convivência socioambiental.

Respeitante a cultura mimoseana, D. Tonica, antiga moradora e descendente da família de Marechal Rondon diz:

Em Mimoso, festa e tradição é uma coisa só. Os cantadores de cururu vão se renovando. Nas festas, além dos daqui, vêm também os de fora, mas conservam a tradição. (BORDEST, 2002, p. 22)

É de se notar que o vilarejo se transforma nos dias de festa. As casas de “portas e janelas fechadas”, como descreve Ivens Scaff (1999), nos dias de festas, se abrem para acolher os visitantes.

Quanto ao turismo Joelson, dono da Mercearia do Gaúcho, residente em Mimoso desde 1982, informa:

[...] A maioria das pessoas passa por aqui na seca. Essas pessoas vão para S. Pedro de Joselândia, bem como para as fazendas da região. Os turistas passam em direção as pousadas, baías e rios. Vêm para pescar. Alguns param para tomar refrigerante, comprar mantimento, pedir informação e até para acampar. Quem mais procura Mimoso, para o lazer é o colégio São Gonçalo, que vem em excursão. Vêm, também, turistas de outras regiões e outros Estados, principalmente os paulistas. Passam também estrangeiros, em particular alemães e japoneses. Acompanham-nos guias bilíngues, mas param pouco por aqui. Geralmente, hospedam na Pousada do rio Mutum. Os estrangeiros pouco pescam, ficam de dois a quatro dias, visitando ninhais, viveiros e fazem passeio de barco. Tiram fotos e filmam. Alguns vêm conhecer a Escola. Às vezes, compram produtos da região: queijo, rapadura de coco babaçu e alguns exemplares de artesanato do Bastião Piraputanga, não longe daqui. Seu artesanato é de madeira e barro. A região tem potencial, mas falta decisão do governo e prefeitura. Como potencial cultural, destacam-se grupos de danças folclóricas e músicas diversas. Como potencial natural, muitos são os rios, baías, morros, animais, aves, vegetais. Há plantas medicinais e quem delas entende. São os curandeiros, que tradicionalmente resolvem os problemas das doenças, pois não há médicos na comunidade, nem remédios, nem vacinas para os problemas frequentes como picada de cobra. O Sr. Teófilo faz garrafadas de plantas medicinais. No mais das vezes, as mulheres cuidam das plantas medicinais. (BORDEST, 2002, p. 23)

Das palavras de Joelson fica claro que Mimoso é um lugar de passagem da maioria dos turistas que vão para as pousadas.

Ainda na fala de Joelson:

Os maiores problemas aqui são saúde e desemprego. Atualmente, serviço só de vaqueiro nas fazendas, já que muitos perderam suas propriedades. A maioria vai para a periferia de Cuiabá e passa a morar em casas desconfortáveis, convivendo com os esgotos dos bairros e invasões. Fazem esta opção porque aqui não tem futuro para sobreviver economicamente. Como segurar e dar emprego ao jovem daqui? Estou desacreditado do político. (BORDEST, 2002, p. 25)

Sobre a educação, D. Nercina (falecida), na época diretora da Escola Estadual Santa Claudina. Filha de gente mimoseana e parente de Rondon lembra que em 1948, a Escola foi fundada só para parentes de Rondon. Moradora de Mimoso, D. Nercina foi eleita diretora para o período 1999-2001, e reconduzida em 2002. Na escola funcionam o ensino fundamental e o ensino médio. Na época a escola recebia também alunos de Porto de Fora, que chegavam de condução escolar.

O Sr. Carlos Reiners (falecido), também professor aposentado, esposo de D. Nercina, era a pessoa que acolhia os visitantes da Escola Santa Claudina, muitas vezes na sua própria residência, oferecendo as mais importantes informações sobre Mimoso.

Sobre a igreja, D. Dina Lucas Evangelista (também parente de Rondon) relembra as festas da Igreja. Santo Antonio, padroeiro da comunidade, foi achado em um terreno baldio, onde hoje é o centro comunitário. “Festejam-se outros santos, mas a de Santo Antônio, festa do padroeiro é a maior”. (BORDEST, 2002, p. 26).

Nessa festa vem gente de todo lugar e as pessoas acampam nas barracas, na igreja, ou ficam em casa de parentes. D. Dina lembra que a igreja é aberta todos os dias. Aos domingos, à tarde e a noite. D. Tonica e Rita tiram a reza. A reza em Mimoso é diferente de outras localidades. (BORDEST, 2002, p. 26)

Referindo-se ao Centro Comunitário, o professor Caetano diz que na prática costumam transferir para a Escola todas as atividades e obrigações comunitárias, sobrecarregando os funcionários, professores e direção com questões que poderiam ser discutidas e resolvidas pelos membros do Centro Comunitário. A comunidade esperava, na época, poder conseguir através do Centro uma quadra de futebol, para o lazer da comunidade, promover ensaio de teatro, danças e oficinas.

Nessa breve contextualização, baseada nas vozes dos moradores, vislumbra-se a participação ativa dos mimoseanos na vida da comu-

nidade e na alta consideração que rendem ao vulto Rondon. Na vila sua lembrança está impressa nas diversas construções: escola, posto telefônico, centro comunitário e na alma de sua gente.

MARECHAL RONDON PATRONO DAS COMUNICAÇÕES

Filho único de Cândido Mariano da Silva e de Claudina Lucas Evangelista, nascido em 05 de maio de 1865 em Mimoso, Cândido Mariano da Silva perdeu o pai aos cinco meses de sua gestação, vindo sua mãe a falecer quando tinha quase três anos. O pai recomendara, no leito de morte, ao seu irmão Manuel Rodrigues da Silva Rondon que, se nascesse menino, o levasse para Cuiabá para estudar e diz mais: “[...] na cidade poderá se preparar para servir melhor nossa terra” (BORDEST, 2005, p. 2155)

Aos sete anos foi levado pelo tio para a capital, onde estudou até os dezesseis anos. Daí foi para o Rio de Janeiro, para seguir a carreira militar. Em 1890, foi classificado na Escola Superior de Guerra obtendo o título de Engenheiro Militar e o diploma de Bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais. Resolveu, então, adotar o sobrenome do tio, passando a assinar Cândido Mariano da Silva Rondon. (BORDEST, 2005, p. 2156)

Entre seus inumeráveis feitos, incorporou ao ocidente do território brasileiro uma série de explorações, desvendando segredos dos pantanais e das florestas tropicais, executando estudos geográficos, fazendo determinações precisas de coordenadas de pontos para operações geodésicas, classificando flora e fauna.

Com a máxima “morrer se preciso for matar nunca”, Rondon pacificou sertões, incorporando índios, plantando cidades e vilas.

A preocupação de Rondon também se voltava para a população pobre não índia, composta de sertanejos e caipiras, que habitava o interior brasileiro conforme Siqueira (2002).

Com o soldo da missão que lhe fora confiada para mediar o dissídio fronteiriço entre Peru e Colômbia, em 1938, construiu a escola de Mimoso.

FOTO 3 - Escola Estadual Santa Claudina

Foto Bordest, 1999.

Rondon teve seu nome dado a um meridiano, ao Estado de Rondônia, e a cidade de Rondonópolis-MT. Seu nome figura com letras de ouro maciço na Sociedade de Geografia de Nova York, como o explorador que mais se avantajou em terras tropicais. Falecido em 1958, no Rio de Janeiro, homenagem póstuma lhe foi conferida como Patrono das Comunicações.

Por ato contido em decreto n. 51.960 de 26 de abril de 1963 Rondon é Patrono da Arma de Comunicações do Exército, como reconhecimento de seus feitos. Em 27 de abril de 1971 obteve do Ministério de Comunicações autorização do Presidente da República para que o nome do Marechal Rondon fosse reconhecido como “Patrono das Comunicações Nacionais”, ficando o dia 05 de maio a data de seu nascimento dedicado às Comunicações.

O MONUMENTO DO MEMORIAL

O Memorial Rondon representa atualmente um marco geográfico em Mimoso que conforme o projeto deverá abrigar os objetos e demais pertences do homenageado, símbolo de uma memória repleta de significados de um passado não muito longínquo.

A referida construção é parte do Plano Diretor que previa para Mimoso, obras no local onde nasceu Rondon. O referido Plano

Diretor previa, ainda, a construção do campo de pouso Santos Dumont, para receber pequenas aeronaves, balonismo e aeromodelismo, com estrutura de hangar simples e pista de 800m, gramada. Previa, também, a construção de marina sobre o rio Mutum, interligando-o com uma rodovia próxima a estrada turística, assinalando os portos de maior interesse turístico, a revitalização do casario da vila de Mimoso, com projeto para recuperação da tipologia original e reforma da Escola Santa Claudina.

FOTO 4 - Escola Estadual Santa Claudina Reformada



Foto Bordest, 2005.

No projeto inicial, o Memorial Rondon seria uma espécie de museu itinerante que além de abrigar os pertences de Rondon, deveria promover a divulgação dessa cultura e oportunidades de emprego aos mimoseanos, conforme era desejo de Marechal Rondon.

A ideia da construção de uma obra que transmitisse à posteridade a memória de Rondon partiu do então governador do Estado Dante Martins de Oliveira (1995-2002), que em 1997 solicitou uma proposta desse monumento ao arquiteto José Afonso Botura Portocarrero. Parte da construção ergueu-se até 2002.

FOTO 5 Armação do Memorial em construção

Foto Bordest, 2002

Mais tarde, no Governo Blairo Maggi (2003-2010), após várias reuniões entre civis, militares e representantes de OGs e ONGs, houve uma tentativa de viabilizar o plano do Memorial. Oportuno lembrar que em homenagem ao Dia de Rondon, 5 de maio de 2004, fechando as reuniões promovidas pelo governo do Estado, ocorreu uma grande festa na Vila de Mimoso, com almoço, condecorações e discursos de políticos, que anunciavam para breve a finalização e inauguração da referida obra. Entretanto, esse fato não aconteceu. Ao contrário, o desperdício de material que ficou exposto aos cataclismas, como madeiramento e a própria estrutura metálica da obra abandonada deixou a comunidade mimoseana indignada conforme registros da comitiva do IHGMT que visitou Mimoso em 09/05/2007. Apesar disso, ainda que polêmicas, algumas benfeitorias, foram realizadas, como limpeza e revitalização da Escola Santa Claudina, asfaltamento da rodovia entre Santo Antônio de Leverger e Barão de Melgaço.

ANOTAÇÕES FINAIS

A polêmica construção do Memorial Rondon, iniciado no alvorecer do novo milênio, no governo Dante de Oliveira, com previsão de ser inaugurado em 2005, contava com o apoio da maioria da população local, que esperava ser este além de ponto de referência ao turismo diferenciado, possibilitasse a divulgação das riquezas panta-

neiras e esteio para se promover o desenvolvimento local, conforme anotações de Bordest (2005).

Grande parte da construção projetada por Portocarrero em parceria com o arquiteto Paulo Molina ergueu-se nos primeiros anos do século XXI sobre terreno alagadiço, em frente à Vila de Mimoso. Seguindo-se durante a construção fases de paralisações e breves retomadas.

Apesar de muito distante do projeto original, no dia 24 de agosto de 2016, a obra do Memorial foi finalizada e entregue ao público pelo atual Governador do Estado, Pedro Taques, agora intitulada como “Complexo Turístico e Histórico de Mimoso”. Na ocasião uma exposição com 190 fotografias foi montada e complementada com a divulgação da obra intitulada “Paisagens de Rondon”, de autoria do fotógrafo e documentarista Mário Friedlander (2016), que apresenta uma mostra de diversas paisagens naturais e etnias indígenas, com as quais Rondon manteve contato.

Foto 6 - Memorial Rondon em 2016



Foto SEC. 24.08.2016

Pairou durante anos uma interrogação entre os mimoseanos e mato-grossenses em geral, quanto à inauguração definitiva do Memorial Rondon, e se o mesmo se encaixaria nos princípios almejados por Rondon, que tanto se preocupou com seus conterrâneos, os quais ainda se mantêm unidos em torno de sua memória. Afinal, até que ponto o monumento hoje construído se aproxima do projeto original? Qual o significado imaterial presente nesse concreto edificado em Mimoso?

Este memorial clama por um significado mais autêntico, pois, como lembra Bordest (2002, p. 48):

No âmago de sua existência, Mimoso tem atrativos mais verdadeiros, que constroem sua amálgama social, pois já constitui cultura. Basta os envolvidos com este tema saberem fazer expandir esta centelha que já existe, secularmente, na memória de sua gente.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, M. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 4 ed., São Paulo: Papirus, 2004.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BORDEST, S. M. L. *O Papel do Memorial Rondon no contexto do espaço geográfico e do turismo mato-grossense*. Anais do X EGAL. Universidade de São Paulo. 20-26/03/2005, p. 2152. (Capturado Google)
- BORDEST, S. M. L. *Potencialidade turística de Mimoso e o olhar do autóctone*. Cuiabá: Gráfica Print, 2002.
- FRIEDLANDER, M. et al. *Paisagens de Rondon*. Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso. Cuiabá, MT: Acênica, 2016.
- SCAFF, I. *Portas e janelas fechadas para um mundo especial*. In: Projeto Ação Rondon visa resgate da cultura do lugar. A Gazeta, Caderno 06 E, Cuiabá. 28/11/1999.
- SILVA, C. J. da; SILVA, J. A. F. *No ritmo das águas do pantanal*. São Paulo: NUPAUB / USP, 1995.
- SILVA, J. A. F. *Tempo, mito e história em Mimoso*. In: Revista do PPGH da UFMT. V.1, n.1, jul-dez 2000, Cuiabá, MT, p. 253-382.
- SIQUEIRA, E. M. *A história de Mato Grosso: Da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.